A GARANTIA DO PROGRESSO: A METODOLOGIA DE PREVISÃO E DE PLANEJAMENTO E AS RELAÇÕES COM A FILOSOFIA DO PROGRESSO NO LIVRO *THE YEAR 2000*, DE HERMAN KAHN E ANTHONY J. WIENER

Fabio Sapragonas Andrioni*

RESUMO

Este artigo se dedica a discutir uma revisão do progresso proposta no livro *The year 2000*, lançado em 1967 no Estados Unidos e escrito por Herman Kahn e Anthony J. Wiener. O livro visava atender a necessidade de decisões dos governos e das empresas, principalmente as estadunidenses. Assim, *The Year 2000* apresenta um conjunto de previsões e planejamentos sobre o ano 2000 e, principalmente, propõe uma metodologia e justificativas para realizar essas previsões e planejamentos. Apesar de os autores defenderem que seu método de planejamento e previsão seja inovador e não pressupõe um progresso, argumentamos que a própria utilização e execução do método não consegue abandonar aspectos fundamentais da Filosofia do Progresso e, por isso, lida ainda com questões postas pela modernidade.

Palavras-chave: Filosofia da História; Teoria da História; Concepções de Tempo; Futurismo; Anos 1960

ABSTRACT

This article discusses on a revision of the progress proposed in the book *The year 2000*, released in 1967, in the United States of America. The book was written by Herman Kahn e Anthony J. Wiener. The book aimed to help the governments and the business enterprises, mainly the Americans, to make decisions. Hence, *The Year 2000* presents a set of predictions and plans about the year 2000. However, its main objective is to show a methodology to make these plans and predictions and to justify them. Though the authors defend their method of planning and prediction is innovative and does not presuppose a progress, we argument that the method application and execution does not abandon fundamental aspects of the Philosophy of the Progress and, due to that, Kahn and Wiener's proposal deals with issues from the modernity.

Key-words: Philosophy of History; Theory of History; Conceptions of Time; Futurism; Sixties

RECEBIDO: 29 de março de 2017
AVALIADO: 01 de junho de 2017

* Pós-doutorando no Instituto de Estudos Avançados/USP, grupo Khronos.

Neste artigo[1], pretendemos discutir as relações específicas entre futuro, história e concepção de tempo no final dos anos 1960 dentro de *think tanks* dedicados à consultoria política, militar, econômica e cultural a países, principalmente os EUA. Nossa fonte, para investigar essa questão, é a obra *O ano 2000*.

A primeira edição de *O ano 2000* foi lançada nos Estados Unidos, em 1967, com o título "*The year 2000*: a framework for speculation on the next thirty-three years"[2]. Os autores eram o físico, estrategista militar e futurologista, Herman Kahn, e o cientista político, Anthony J. Wiener. No ano seguinte, o livro ganhava uma edição brasileira, com o título "*O ano 2000:* uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos". Como os títulos evidenciam, o interesse da obra era o futuro e, nesse sentido, possuía dois objetivos: realizar "previsões" do futuro e apresentar as bases metodológicas para realizar tais previsões.[3]

Daniel Bell[4], na introdução de *O ano 2000*, defende que o desenvolvimento de uma metodologia para planejar, especular e prever o futuro é o que fornece o caráter inovador ao livro, tornando o esforço de Kahn e de Wiener diferente das formas anteriores de lidar com o futuro, como as esotéricas e as supersticiosas, mais antigas e tradicionais, e as formas essencialmente ficcionais, tais como as praticadas por figuras como Julio Verne e H.G. Wells, no fim do século XIX e começo do XX. Ainda segundo Bell, o interesse pelo futuro demonstrado no livro também parecia novo se contraposto ao período entre os anos de 1920 e 1945, no qual, segundo o sociólogo, o presente era demasiadamente problemático, devido às crises econômicas, à guerra e ao nazismo, sobrando pouco para se preocupar com o futuro. Essa ausência de atenção ao futuro contrastava com o período logo após a II Guerra, quando vários estudos sobre o futuro foram desenvolvidos, evidenciando uma nova atenção com o devir.[5]

As previsões realizadas no TY2000 parecem confirmar, inicialmente, a impressão de Bell sobre a multiplicação de estudos sobre o futuro, já que o livro abrange diferentes áreas, como a científica, considerando, por exemplo, a possibilidade de bases lunares e de órgãos artificiais funcionando como substitutos dos originais. Há também previsões econômicas, culturais e sociais. Contudo, é a integração delas que apresenta a principal previsão: a sociedade pós-industrial. Esta sociedade se concretizaria através da automação e da mecanização do trabalho

[1] Este artigo consiste em uma revisão do conjunto de textos apresentados em anais e reuniões nacionais e regionais da ANPUH e da SBTHH entre 2007 e 2010. Os textos eram partes dos estudos feitos para a dissertação defendida em 2010 (citada ao longo deste artigo) e nunca foram revisitados. Essa revisão é, agora, profícua, pois possibilita repensar a fonte deste artigo, o livro "O ano 2000", frente a novos estudos, principalmente do doutorado (defendido em 2014) e do pós-doutorado que desenvolvemos. Esses estudos nos permitem interpretar o livro de outra forma. Por isso, agora, pretendemos publicar uma série de artigos revendo o livro *O ano 2000*, assim como pontos apresentados na própria dissertação.

[2] Para facilitar, a partir de agora, quando escrevermos *TY2000*, estaremos nos referindo ao livro *O ano 2000* ou *The Year 2000*.

[3] GHAMARI-TABRIZI, S. **The worlds of Herman Kahn**: the intuitive science of thermonuclear war. Cambridge: Harvard University, 2005, p. 37.

[4] Daniel Bell é um sociólogo americano da *New Left* estadunidense que se envolveu em questões sobre o planejamento do futuro (Cf. ANDRIONI, Fabio S. **Quando a história também é futuro**: as concepções de tempo passado, de futuro e do Brasil em Herman Kahn e no Hudson Institute (1847-1979). (Tese de Doutorado). São Paulo: 2014, p. 219-223). Ele também ficou conhecido por suas obras: *O fim da ideologia* e *O advento da sociedade pós-industrial*.

[5] BELL. D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J. **The year 2000**: a framework for speculation on the next thirty-three years. S/l: Hudson Institute, 1967, p. xxi-xxv; BELL. D. Introdução. In: KAHN, Herman; WIENER, A.J. **O ano 2000**: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968, p. 17-21.

nos setores primário e secundário. Essa mudança aumentaria o Produto Nacional Bruto (PNB), além de causar uma diminuição da carga horária de trabalho. Por um conjunto de outros processos, ocorreria, em paralelo, uma diminuição populacional. A junção do aumento do PNB com o número menor de pessoas no mundo levaria ao aumento da renda per capita. Com as pessoas obtendo rendas maiores e tendo uma carga de trabalho reduzida, o trabalho como um valor fundamental da civilização ocidental seria sobreposto por uma valorização individual do aperfeiçoamento intelectual e artístico.[6]

Não nos aprofundaremos sobre a sociedade pós-industrial aqui, pois nosso interesse são os aspectos metodológicos e os conceitos para realizar as previsões. Os próprios autores reconhecem que o tema central do livro não são as previsões, mas a proposta metodológica de especular sobre o futuro, a qual é definida como " *'heurística', 'propedêutica' e 'paradigmática'* ". Portanto, a obra pretendia ser o passo inicial para a constituição sistemática e gradual de um método de previsão e planejamento. Abordando o método, apresentaremos e exporemos os conceitos, para, depois, discutirmos com quais concepções de tempo ele é relacionado. A compreensão de tempo que subjaz o método possui alguns aspectos de Filosofia da História e de Filosofia do Progresso, tal como abordados e explorados por diferentes autores, como Karl Löwith, Robert Nisbet e R. Koselleck, e de prognóstico racional, também desenvolvido por Koselleck. Aqui, nos restringiremos a como os autores desenvolvem uma reinterpretação do progresso a partir do seu método, o qual, se por um lado, denota uma preocupação com o futuro, por outro, também possui uma preocupação com o presente. Essa atenção dada às duas temporalidades ocorre porque ambas estão articuladas conforme uma morfologia temporal própria. Assim, não há característica preponderante nem de futurismo, nem de presentismo[7].

Essa preocupação com o futuro, no entanto, não é, como disse Daniel Bell, um produto direto do pós-guerra, mas sim do planejamento militar durante a II Guerra, por meio daquilo que foi chamado de *Operations Research*. A "pesquisa de operações" era realizada por civis oriundos de faculdades de engenharia e física, os quais possuíam uma formação que os permitia interpretar a estratégia militar de uma forma probabilística e quantitativa. Após a Segunda Guerra, a Força Aérea, interessada em continuar com esses estudos e esse tipo de interpretação da guerra, fundou, em 1947, a *RAND Corporation*, uma corporação que se dedicava à pesquisa e ao desenvolvimento militar, a partir de um planejamento racional, que se preocupava, por exemplo, com como distribuir um número específico de bombas em um dado número de aviões,

[6] Para mais detalhes sobre a sociedade pós-industrial apresentada por Kahn e Wiener: Cf. Cap. 4 KAHN, H., WIENER, A.J. 1967 e 1968; Cf. Cap. 4, ANDRIONI, Fabio S. **A arquitetura do destino**: a ciência do futuro e a teoria da história em O ano 200 (1967), de Herman Kahn e Anthony J. Wiener (Dissertação de Mestrado). São Paulo: 2010; Cf. Cap .4., ANDRIONI, F. S., 2014.
[7] KAHN, H., WIENER, A.J. 1967, p. xix; KAHN, H., WIENER, A.J. 1968, p.15

visando otimizar a destruição de alvos de um inimigo. Dessa forma, físicos, engenheiros e matemáticos continuaram empregados ou foram contratados. Herman Kahn foi contratado nesse contexto, em 1947, como físico e dedicou-se a estudos sobre o método estocástico Monte Carlo e sobre as diferentes ferramentas desenvolvidas e aplicadas no planejamento militar, conhecidas, no conjunto, como *Systems Analysis.*[8]

Dentro do tempo compreendido entre 1947, quando Kahn entrou na RAND, e 1967, ano do lançamento do *TY2000*, houve uma mudança na concepção do que era planejado, o que refletiu em mudanças conceituais e na forma de tratar o futuro. Enquanto nos anos 40 e 50, a preocupação era exclusivamente com o futuro militar dos EUA, em 1967, fatores como, por exemplo, os fracassos na campanha no Vietnã e uma investigação interna da Câmara dos Deputados contra os contratos militares do governo, contribuíram para a diminuição do investimento na pesquisa militar. Assim, uma série de institutos de consultoria tiveram que procurar outras áreas de atuação e outras fontes de financiamento, como outros órgãos governamentais, ou empresas privadas, tanto estadunidenses, quanto estrangeiras. Era, portanto, um planejamento muito mais amplo do futuro, indo além da pesquisa militar referente aos EUA e tornando-se um estudo e uma proposta de futuro para o mundo. Portanto, Kahn esteve presente nos dois momentos: em 1947, era um físico da *RAND*, recém-formado, onde teve contato e participou da revisão e reelaboração do método de planejamento desenvolvido durante a Segunda Guerra, em 1967, era presidente de seu próprio *think tank*, o *Hudson Institute* e tornava-se referência naquilo que ele preferia chamar de *future studies*.[9]

É dentro desse processo que também podemos entender a constante reinvindicação de o TY2000 ser inovador, uma vez que tratava de um interesse pelo futuro de forma mais global e ampla, ou seja, voltado a outras nações que não só os EUA, cogitando diferentes esferas da sociedade e sendo oferecido para órgãos e empresas internacionais. Além disso, o livro também era inovador, pois buscava apresentar uma proposta de planejamento e previsão por um viés menos filosófico e mais conceitual, metodológico e pragmático. O método de planejar e prever o futuro apresentado no TY2000 era a adaptação e a transformação do método de planejamento desenvolvido e usado durante a II Guerra e nos anos logo após ela, servindo, agora, ao interesse e à necessidade de abordar o futuro de forma ampliada.[10]

[8] A discussão e análise da mudança de *Operations Research* para *Systems Analysis* e o envolvimento de Kahn nesse processo é aprofundada no Capítulo 1, ANDRIONI, F. 2014.
[9] Para maiores detalhes do desenvolvimento do pensamento sobre o futuro de Kahn de 1947 até 1967, Cf. Cap. 1, 2, 3 e 4, ANDRIONI, F. 2014.
[10] Novamente, para entender essa adaptação do método nos diferentes contextos, recomenda-se consultar nossa tese de doutoramento, que tratou essencialmente dessa questão (Cf. Cap. 1, 2, 3 e 4, ANDRIONI, F.S., 2014). Remetemo-nos constantemente a trabalhos próprios, pois ainda são os únicos a abordarem essa questão da forma aqui usada. Além disso, ficaria extenso citar aqui toda a bibliografia utilizada, por isso, a referência até agora constante a tese e a dissertação.

Kahn e Wiener indicam que a especulação sobre o futuro se inicia por "identificar tendências de longo alcance, que tenham probabilidade de continuar"[11]. Em outras palavras, consiste em identificar e traçar um padrão que já exista há séculos. Esse padrão funciona como uma espécie de estrutura que parece continuar determinando os efeitos futuros possíveis, por isso os autores chamam de tendência[12].Dessa forma, o *framework* (ou a estrutura) do título não é apenas uma estrutura metodológica, mas é também uma base estrutural para se pensar os possíveis e prováveis futuros para a humanidade no ano 2000. Nesse ponto, método para previsão e planejamento e a própria previsão se confundem, pois, o método parte de uma base de identificar um modelo histórico. Para prever e especular sobre o ano 2000, Kahn e Wiener identificam e traçam a *tendência múltipla*[13]. Ela é obtida pelo delineamento de tendências longas, remetendo, algumas, aos séculos XI ou XII, e aparentam uma possível continuidade até o ano 2000. As tendências identificadas são treze e não são isoladas, pois constituem um conjunto complexo de elementos que se interpenetram. Os autores, apesar de defenderem uma permanência dessas tendências, acreditavam que elas poderiam apresentar alguma saturação ou recessão. Algumas dessas tendências eram: culturas cada vez mais seculares e hedonistas, acumulação de conhecimentos científicos e tecnológicos, institucionalização da mudança, industrialização e modernização em escala mundial, crescimento demográfico e aumento da riqueza e do lazer. A décima-terceira tendência era exatamente o aumento da universalidade da *tendência múltipla*. Portanto, a *tendência múltipla* é histórica, ou seja, diz respeito a um determinado contexto temporal e espacial. Em relação ao contexto espacial, ele se alonga historicamente, começando como um processo específico europeu e, depois, globaliza-se. É, de certa forma, a história do triunfo do ocidente, porém, não apenas como história, mas também como compromisso para o futuro.[14]

A próxima etapa é a "experimentação" da *tendência múltipla*. A experiência consiste em, fundamentado na própria tendência, tentar prever sobre os trinta e três anos vindouros. Essa previsão parte de dois momentos: 1900 e 1933. Ou seja, a previsão feita a partir de 1900 alcança até 1933 e a feita em 1933, até 1966. Com isso, os autores pretendiam perceber "o ritmo presente e futuro da mudança, assim como da probabilidade de desenvolvimentos inesperados"[15].

A partir do estabelecido com a *tendência múltipla* e com "os dados" obtidos com sua experimentação, a próxima etapa, conforme Kahn e Wiener, é elaborar as linhas que orientarão a

11 KAHN, H., WIENER, A.J. 1968, p. 32.
12 Dessa forma, o *framework* do título não é apenas uma estrutura metodológica, mas é também uma base estrutural para se pensar os possíveis e prováveis futuros para a humanidade no ano 2000. Nesse sentido,
13 Aqui, usaremos os termos da edição brasileira, assim como as citações também serão retiradas da tradução. Por isso, a referência será normalmente à edição de 1968. Todavia, quando optarmos por uma tradução própria, faremos a referência às duas edições (de 1967 e de 1968) ou somente a de 67.
14 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 5-7.
15 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 32.

previsão. Elas devem ser preferencialmente estatísticas, possibilitando, assim, a projeção de variáveis que abordem dados populacionais, de alfabetização, de variação do PNB, das fontes de energia, da capacidade militar, entre outros elementos quantificáveis. Essas projeções, que são a continuidade simples e direta da *tendência múltipla*, não só quantitativamente, mas também assumindo a continuidade dos aspectos culturais e morais, constituem a *projeção livre de surpresas*, a qual, o próprio nome diz, considera o mínimo de ou, ainda, nenhum tipo de acontecimento surpreendente.[16]

A *tendência múltipla* e a *projeção livre de surpresas* fornecem, para Kahn e Wiener, um primeiro nível de entendimento da história, o *mundo padrão*, o qual é um mundo básico sobre as possibilidades futuras. Assim, o *mundo padrão*, como resultado da *projeção livre de surpresas* da *tendência múltipla*, é, conforme os próprios autores, a previsão mais ingênua, uma vez que é a simples extrapolação de uma análise macro-histórica. A partir do *mundo padrão*, delineiam as *variações canônicas*, as quais são possibilidades diferentes que, todavia, não fogem da *projeção livre de surpresas*. Com isso, abrangendo o *mundo padrão* e percorrendo todas as *variações canônicas*, os autores acreditam cobrir um conjunto mínimo de projeções coerente para os próximos trinta e três anos, pois se encaixam dentro de um sistema, de uma estrutura. No entanto, Kahn e Wiener reconhecem o quão improvável seria que o desenvolvimento histórico até o ano 2000 fosse isento de qualquer acontecimento inesperado.[17]

A experiência feita com a *tendência múltipla* anteriormente levou os autores também a concluir que a história possui uma aparência caótica devido à imprevisibilidade dos acontecimentos, a qual seria, então, o maior desafio para a previsão. A imprevisibilidade dos acontecimentos se torna um problema, pois dificulta reconhecer como e quão decisivos os acontecimentos podem ser dentro da tendência. Contra isso, Kahn e Wiener defendem a elaboração de programas mais flexíveis, os quais considerariam as diversas possibilidades, ajudando a antecipar alguns problemas. Por trás dessa defesa, os autores evocam, ainda que em outros termos, o "contexto histórico". Kahn e Wiener creem que os acontecimentos críticos na história, apesar de não possuírem um padrão geral e, por isso, serem acidentais, não são atemporais, ou seja, pertencem ao tempo em que foram engendrados. Essa defesa, aliada com o entendimento da *tendência múltipla* como um contexto histórico amplo e estrutural, fornece uma inteligibilidade abrangente para os acontecimentos. Em complemento a isso, Kahn e Wiener defendem a existência de elementos tradicionais e imutáveis nos homens, os quais são significativos, já que fazem com que alguns acontecimentos, ou aspectos deles, enquadrem-se

[16] Ibid., p. 21-33.
[17] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 8,38, 249; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 34-41.

em padrões. É o contexto amplo da *tendência múltipla*, o qual fornece, aos acontecimentos, esse padrão, que é uma imutabilidade das coisas humanas conforme tendências que duram séculos.[18]

Kahn e Wiener utilizam esses padrões de uma forma bastante *sui generis*. Eles não os afirmam como uma verdade final sobre os acontecimentos, mas os utilizam para realizar analogias ou metáforas, visando obter hipóteses e questões. A essa etapa da previsão e do planejamento, dão o nome de *metáfora-heurística*. A *metáfora-heurística* é utilizada em dois momentos: ela pode servir como a comparação entre diferentes hipóteses macro-históricas ou de Filosofias da História, visando direções, sentidos e elementos hipotéticos para pensar desenvolvimentos futuros da *tendência múltipla*, indo além daquilo que a *projeção livre de surpresas* já indicara; a *metáfora-heurística* pode também ser usada da mesma forma, mas sobre os eventos ou os acontecimentos particulares, ou seja, é uma utilização fundamentada na crença de que eventos semelhantes ou análogos podem apresentar resultados parecidos. Por trás das duas utilizações da *metáfora-heurística* está a seguinte premissa: "a História pode não se repetir, mas pode parafrasear-se"[19]. Dessa forma, a história serve como um exemplo heurístico, sendo utilizada para levantar hipóteses sobre acontecimentos e eventos únicos ou em sequência. Os autores deixam claro que ambas as utilizações da *metáfora-heurística* não visam resultados precisos, objetivos e científicos, mas sim levantar questões, temas, conjecturas e hipóteses para ampliar as possibilidades para e do futuro.[20]

Dentro das utilizações da *metáfora-heurística*, os autores desenvolvem outro conceito: o *cenário*. Ele consiste em elaborar hipóteses sobre acontecimentos ou sobre a sequência deles, focando nas relações causais e, com isso, também nos pontos de decisão. Com essa definição, os autores utilizam o cenário de duas maneiras. A primeira delas é construir acontecimentos hipotéticos para especular sobre os pontos de decisão. Ou seja, consiste em especular como uma situação poderia se desenrolar, etapa por etapa, e considerar quais as alternativas estão em jogo, em cada etapa e para cada agente, simulando-as. A intenção, com isso, era facilitar, alterar ou evitar o desenrolar do processo. A segunda utilização do cenário é elaborar *futuros alternativos*, que é especular as possibilidades de desenvolvimento das tendências para além das fornecidas pela *projeção livre de surpresas*. Os *futuros alternativos* complementariam os *cenários*, fornecendo variações que auxiliariam na comparação de políticas ou para examinar problemas e questões específicas. Portanto, o conjunto de *cenários* e *futuros alternativos* apresentaria um rol de rotas alternativas, dando uma base consciência do que pode ser evitado ou do que pode ser incentivado.[21]

18 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 29-64.
19 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 32; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 64.
20 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 26-27, 32.
21 Ibid., p. 6, 262-263.

A imagem vinculada não pode ser exibida. Talvez o arquivo tenha sido movido, renomeado ou excluído. Verifique se o vínculo aponta para o arquivo e o local corretos.

Todas as variações obtidas através dos *cenários* e das *metáforas-heurísticas* visavam não somente obter diversas possibilidades de futuro, mas também compará-las, evitando, com isso, visões uniformes. Assim, segundo os autores, o conjunto constituído por *tendência múltipla*, *projeção livre de surpresas*, *mundo padrão*, *variações canônicas*, *metáfora-heurística*, *cenários* e *futuros alternativos* abarcaria as previsões e projeções plausíveis em relação às condições presentes, sem deixar de lado as possibilidades surpreendentes ou inesperadas.[22]

Os autores defendem essa variedade de possibilidades para, inicialmente, evitar abordagens únicas e para oferecer a dimensão das escolhas, pois acreditam apresentar um escopo de situações futuras que poderiam ser interessantes de conhecer, não só no que seriam, mas também pelas suas causas e consequências. Com isso, os autores acreditavam auxiliar aqueles que teriam que tomar as decisões, dando, a eles, um vislumbre já não mais tão obscuro sobre o futuro, além de esclarecer sobre a situação presente e de como ela, por diversos caminhos, poderia ser diferente. Os autores reconhecem as dificuldades de prever e planejar muitos anos à frente, por isso, acreditavam ser mais seguro trabalhar com períodos curtos, de até três decênios, uma vez que viam, na história contemporânea, ciclos pragmáticos mais adaptados à previsão e ao planejamento, como, por exemplo, o planejamento da formação de uma geração de profissionais.[23]

Com isso, revela-se a contraparte da previsão por trás do método de Kahn e Wiener. A proposta de "previsão" se baseia na crença de que não há um futuro pronto. Logo, o futuro se constitui como um campo aberto, porém, que pode ser previsto se assentado em um planejamento. Este planejamento interpreta que o futuro pode ser, em um primeiro momento, a projeção simples de tendências identificadas e entendidas como macro-históricas. Porém, essa projeção não é considerada plena, pois justamente nega aquilo que a própria experimentação e estudo da tendência revelam: a ocorrência de acontecimentos surpreendentes e imprevisíveis. Neste ponto, entra um segundo momento da previsão, realizado a partir da *metáfora heurística*, que é a criação de um cenário – passado ou futuro, não necessariamente "real", que serve como ilustração e exemplo. A *metáfora heurística* e o *cenário* alinham passado e futuro e ampliam o campo das possibilidades tanto por previsões macro-históricas, quanto pela previsão dos eventos. Dessa forma, segundo os autores, talvez não seja possível ter certeza do que acontecerá, mas é possível, pelo menos, predizer as chances de que dada(s) coisa(s) aconteça(m). E o que permite a previsibilidade das probabilidades é justamente o conhecimento da *tendência múltipla*, que revela as mudanças básicas que ocorrem na "estrutura" que fundamenta os acontecimentos. Isso

22 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 9, 12-13.
23 Ibid., p. 6, 12-13.

torna possível, então, a comparação dos acontecimentos conforme seus padrões e ao remetê-los ao contexto amplo de sua, que é a *tendência múltipla*.[24]

Entre os aspectos invocados como inovadores por Bell e pelos autores estão, como vimos, a preocupação com o futuro e a elaboração de uma metodologia para prever as possibilidades futuras e, com isso, embasar o planejamento e as escolhas. Daniel Bell, novamente, sintetiza bem a ideia em torno do que se pensava sobre a questão de planejamento e especulação do futuro que se destacou na segunda metade do século XX:

> "(…)Ninguém pretende que possam ser profetizados "acontecimentos" isolados. Esses acontecimentos são freqüentemente contingentes ou até mesmo irracionais. Nem se pode predizer o que os historiadores chamam de "pontos críticos", nas vidas de homens ou de nações (…) Todos esses eventos, contudo, são restringidos por vários contextos: de recursos, de costumes, de vontade. E eles são modelados, de igual modo, por tendências básicas na sociedade humana: o progresso da ciência, alfabetização, interdependência econômica e coisas semelhantes. Este livro, portanto, não é um exercício de profecia: é um esforço para traçar as restrições da escolha social"[25]

Ou seja, além de confirmar as bases do planejamento e da previsão que discutimos até agora, há a clara consciência de que o futuro era, agora, "problema de escolha (...) Assim, planejamento e racionalização são uma só coisa. Tudo isso coloca-nos no limiar de uma antiga e persistente busca humana: a de escolher o nosso futuro"[26], já que ele não é "um vastíssimo tapete do tempo, desenrolado até algum ponto longínquo"[27]. Portanto, o futuro é o agente norteador, o que serve para justificar e explicar as decisões importantes no presente.[28]

Constitui-se, assim, uma sucessão dos feitos humanos ao longo do tempo, porém, que não tem como foco principal o passado, mas o futuro. Todavia, o método de previsão não consegue prescindir da história, uma vez que consiste em "reunir séries cronológicas, tanto para traçar linhas de tendência, como para extrapolar prováveis desenvolvimentos"[29].

Tem-se o método de previsão "histórica" de Kahn e Wiener, o qual, podemos sintetizar como a identificação da estrutura corrente e a projeção dela para o futuro, considerando possibilidades alternativas (pequenas ou grandes) que ela pode sofrer e como isso afetará o porvir. O conjunto conceitual apresentado aqui foi desenvolvido e utilizado pelos autores para poder pensar, delinear, prever e especular um conjunto amplo de possibilidades para o futuro. O planejamento só faz sentindo justamente pela consideração das diversas possibilidades para o futuro, as quais partem de condições passadas e presentes. Para concretizar as possibilidades mais desejáveis é preciso planejá-las e trabalhar para atingí-las.

24 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 26-27; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 64; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 75-76
25 BELL, D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxviii; BELL, D. Introdução. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 25.
26 BELL, D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D. Introdução. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 22.
27 BELL, D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D. Introdução. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 22-23.
28 BELL, D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D. Introdução. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 23.
29 BELL, D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D. Introdução. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 23.

Ao postular essa continuidade do passado para presente e para o futuro, os autores articulam os três momentos históricos, já que as decisões tomadas no presente dão pouco resultado no próprio presente, sendo mais decisivas para o futuro. Por isso, também, o presente depende pouco das decisões tomadas nele e é mais influenciado pelas decisões tomadas no passado. Esta concatenação temporal de Kahn e Wiener fornece a consistência da concepção temporal por trás das previsões e dos planejamentos, pois, os acontecimentos presentes, previstos e planejados de acordo com tendências e bases ou metáforas retiradas do passado, definirão o futuro. O método de Kahn e Wiener, então, comporta algum grau de filosofia da história, já que, por trás da dedicação metodológica e pragmática, refletem acerca do desdobramento das ações humanas ao longo do tempo e formulam, em relação a isso, um arcabouço conceitual e metodológico.[30]

Agora, cabe discutir, por uma ótica mais ampla, a visão e a compreensão de tempo por trás da proposta de planejamento e previsão apresentada por Kahn e Wiener no *TY2000*. A introdução de Daniel Bell já afasta as possibilidades esotéricas e religiosas. Assim, Kahn e Wiener compreendem a história e o seu desenvolvimento ao longo do tempo associados às ações humanas, o que nos remete a uma temporalidade mais ampla: a modernidade.

Modernidade remete ao conceito de tempos modernos, que tem sua origem na concepção cristã de concretização futura com o Juízo Final, inaugurando um novo tempo. Todavia, as guerras religiosas do século XVI na Europa, cercadas de grandes expectativas como prenúncios do Juízo Final, só se resolveram pela ação humana, que firmou os acordos de paz. Isso retirou da religião, pouco a pouco, a centralidade e a influência que tinham sobre os poderes reais, uma vez que não foi a intervenção divina que resolveu as guerras. Por cima da decadência cristã, prevaleceu cada vez mais a concepção de política como as ações humanas dirigindo os Estados e a diplomacia.[31]

A secularização das relações e da política dos Estados também os afastou do papel de protagonistas da escatologia cristã. Junto a isso, estava uma mudança na visão de história. Com o Juízo Final prorrogado para um ponto cada vez mais distante no futuro, uma vez que as profecias cristãs não se realizaram e não se realizavam, o fim da história passou a ser tema da história natural, retirando, então, a crença em um fim pré-determinado para a história. Em paralelo, formava-se uma consciência moderna, a qual distinguia duas fases históricas anteriores – Antiguidade e Idade Média – que esclareciam muito sobre a própria fase Moderna, já que se diferenciavam e opunham-se a ela enquanto essência do que era. O homem passou a ter a consciência de viverem um tempo novo a cada momento, que era percebido em contraposição ao passado, já superado, e orientava-se a um futuro sempre aberto ao novo. Era um constante

30 KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 2.
31 HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade:** doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 9; KOSELLECK, R. 2006, p. 26-27.

recomeço, a continuidade da inovação, uma vez que todo o presente era um início que gerava um novo a partir de si.[32]

As bases filosóficas que permitiram essa percepção moderna do tempo foram a Filosofia da História e a Filosofia do Progresso. Para Koselleck, o sentido e a finalidade dos acontecimentos e da história seriam dados, na modernidade, pelo progresso. Todavia, o historiador alemão fornece outros elementos para pensarmos o progresso. Inicialmente, a visão de um desenvolvimento progressivo da humanidade é diretamente fruto da secularização da história, pois baseia-se no fazer humano e na razão como elementos que a conduzem. Se a história é o espaço da realização humana, o homem pode, portanto, construir o futuro conforme seu potencial e objetivando a ampliação desse potencial até um ponto futuro. Esse processo para o ponto futuro, segundo Koselleck, funciona como uma lei, a lei do progresso, uma vez que é um processo próprio da capacidade humana por meio do desenvolvimento de uma entidade metafísica chamada razão. Esse desenvolvimento, todavia, só se concretizaria por meio da manifestação da ação humana, de consciência e do entendimento dessa manifestação e do aprimoramento dela.[33]

Portanto, conforme Koselleck, a Filosofia do Progresso possui, por um lado, características proféticas, pois prevê um futuro ideal, por outro lado, também compreende o papel da ação humana. Esses dois elementos aparentemente contraditórios se relacionam, pois, essa profecia é uma situação ideal para o futuro, a qual, todavia, é percebida a partir do estudo da história e do entendimento de seu sentido. Ela também não é algo independente do esforço humano, mas é resultado da razão e da ação humana em concretizar o melhor no futuro. Se é algo melhor, logo, é diferente do que se conhece e, portanto, novo. No afã de conquistar esse novo, a experiência temporal é acelerada, sempre se lançando a esse novo no futuro que, por ser algo nunca antes experienciado é, por isso, desconhecido. Na Filosofia do Progresso, o presente serve ao futuro, temporalidade para a concretização do *telos* histórico, até então, só experienciado por meio da profecia, como um ideal.[34]

Porém, como Nisbet esclarece, a concepção da história como Progresso apesar de não necessariamente ser linear, já que pode apresentar recuos e estagnações, pressupõe um desenvolvimento por etapas e este desenvolvimento não é nem acidental, nem por acaso, mas um esquema próprio de uma entidade, no caso, a razão, que opera, ainda que por recuos e estagnações, para a concretização de seu ideal final.[35]

[32] HABERMAS, J., 2000. p. 9-11; KOSELLECK, R. 2006, p. 28-31.
[33] KOSELLECK, R. 2006, p. 35-37.
[34] KOSELLECK, R. 2006, p. 37-38, 51-59.
[35] NISBET, Robert A. **História da idéia de progresso.** Brasília: UnB, 1985; Visão que coaduna com a de Nascimento, na introdução que faz ao *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, de Condorcet (NASCIMENTO, Maria da Graça S. Apresentação. In: CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas: Unicamp, 1993, p. 8-15).

Kahn e Wiener definem progresso como uma crença difundida globalmente que defende que o futuro será melhor que o passado. Esse é o aspecto de crença e de juízo de valor que os autores percebem no progresso, porém, eles também apontam que há, no progresso, um reflexo de realidade, pois o aprimoramento constante resulta de esforços conscientes buscando o melhor. Todavia, essa busca constante pelo melhor, para os autores, também apresentaria efeitos indesejados e aparentemente nocivos. Dessa forma, nem todas as mudanças, processos ou tendências que compunham a *tendência múltipla* seriam essencialmente progressistas, sendo que alguns poderiam até mesmo gerar problemas.[36]

Kahn e Wiener tentam afastar seu método de um caráter progressista, diferenciando-o das vertentes mais tradicionais sobre o progresso ou, como os autores identificam, teleológicas, resultando em visões utópicas e quiliásticas[37] sobre o futuro. O receio dos autores com essas visões é que elas estiveram presentes em movimentos políticos que inflamaram as massas, como, segundo autores, o nazismo e o comunismo. Os autores identificam, com isso, a herança escatológica que compõe determinadas visões de progresso.[38]

Löwith, em seu *"The meaning of History"*[39], é concordante com Kahn e Wiener, pois discute a noção de progresso ligada à história como uma redenção, visão, esta, comum a judeus e cristãos. A história seria um espaço de salvação, possuindo, portanto, uma finalidade e um objetivo transcendentes e futuro. Para Löwith, foi essa visão escatológica que alimentou a preocupação moderna com o futuro, pois, se na visão judaico-cristã, a história universal era conduzida e sintetizada pela redenção, o progresso não abandonou a visão redentora, apesar de secularizá-la; as funções e os efeitos que eram atribuídas à Providência passaram a ser jogados na conta das ações humanas. A secularização, com isso, alterou a própria a compreensão da história, vista agora como a sucessão de acontecimentos humanos, os quais, pela própria vontade dos homens, poderia conduzir à preservação e ao aprimoramento da sociedade, o qual ocorreria no futuro.[40]

É esse argumento da teleologia do progresso, fornecida por uma finalidade redentora que daria sentido a toda história, que Kahn e Wiener querem se afastar. Esse afastamento pode ser explicado parcialmente pelo que já discutimos aqui, ou seja, a proposta e a intenção metodológica do método de previsão e de planejamento do futuro. O primeiro ponto que os autores formulam para contrariar esse progresso teleológico é a defensa de que, a cada momento, é preciso revisar o planejamento e as previsões. Essa necessidade constante de revisão nega uma

[36] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 29.
[37] Os autores entendem quiliasmo como uma ideia da Idade Média que trata da tensa expectativa de um fim para a história, com a luta decisiva em que a tirania do mundo seria superada pelas "pessoas escolhidas", através das quais o mundo seria renovado e a história chegaria a sua consumação (COHN, 1961, p. 309, apud KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 275).
[38] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 29.
[39] A tradução em português para o título do livro, "O sentido da história", perde um pouco do efeito da palavra *"meaning"*, do título original, que pode dizer tanto "sentido" como "significado".
[40] LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 18-19, 22, 30, 194-202.

finalidade futura que oriente a história, preferindo uma finalidade futura que não é um sinal a ser revelado pelo estudo histórico, mas um objetivo pragmático a ser proposto e buscado como planejamento e previsão feitas no presente. Porém, esse afastamento da teleologia é, também, produto do contexto mais amplo do período. Primeiramente, havia o receio e a descrença em relação ao conceito de razão e às possibilidades de como ela operava por meio da ação humana e da compreensão humana. Em paralelo, havia também um descrédito sobre o progresso como elemento do desenvolvimento humano. Kahn e Wiener compartilham a interpretação de que o desenvolvimento da "cultura" ocidental e, entre em seus elementos, o desenvolvimento tecnológico permitiram o surgimento de ideologias e dispositivos que justificassem o extermínio em massa de elementos da sociedade, sendo este extermínio defendido como um caminho para o melhor. O desenvolvimento tecnológico acompanhou o ideológico, já que desenvolveu armas e técnicas de destruição em massa, algumas inclusive capazes de destruir a Terra.[41]

Nessa linha, Kahn e Wiener também recusam o progresso como imanente à história, pois, aceitá-lo assim implicaria em negar o planejamento e a especulação do futuro como meios elementares e essenciais de concretizar a melhor situação. Se o progresso inevitavelmente ocorrerá, mesmo com os homens errando em suas avaliações e em suas atitudes, uma vez que esse progresso segue conforme um fim definido, pouco importa, então, o grau ou a forma da intervenção humana.

Ainda na senda de afastar o progresso como uma característica inerente da *tendência múltipla*, Kahn e Wiener defendem que não existe, nela, um sentido. Eles a desenvolvem como um conjunto de possibilidades gerais e específicas para o futuro e, inclusive, empregam-na com essa finalidade para construir, por exemplo, as *metáforas-heurísticas* e os *cenários*. Assim, buscam delinear um leque de melhores e piores desenvolvimentos históricos possíveis, os quais servirão como guias para ou catalisar a concretização do melhor, ou evitar ou preparar-se para o pior. Porém, o que cabe indagar é que, ao idealizarem essa preparação contra o pior como uma concretização efetiva – pois é fruto de um esforço metodológico, pragmático e de ação – Kahn e Wiener não estariam buscando a melhor situação para o futuro e recorrendo, com isso, ao progresso novamente? [42]

O primeiro elemento para buscarmos uma resposta para essa questão é a *metáfora-heurística*. Pelo que Kahn e Wiener argumentam, esse conceito serviria como um método de alargar as possibilidades do futuro, permitindo lidar com o problema do desconhecimento do futuro. A premissa de "a história não se repetir, mas se parafrasear" apoia a intepretação do

41 KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 267-270, 275.
42 Ibid., p. 29.

futuro como sempre novo, sendo, porém, de alguma forma, semelhante ao passado – ou às construções e interpretações feitas sobre ele. O elemento comum nisso, conforme os próprios autores argumentam, seria o humano. Porém, mais do que defender uma reprodutibilidade natural para a história, os autores dão a entender que o passado pode servir como um campo de experiências que instrui ou à "repetição" – na forma de paráfrase – ou a uma nova forma. Essa interpretação utilitária do passado não tira do futuro sua característica de aberto, porém, reconhece que a abertura do futuro ao elemento novo é dependente das escolhas e das ações humanas e deve encontrar alguma experiência no passado, nem que seja em uma experiência totalmente imaginada (*cenário*) ou parafraseada.

Um segundo elemento para responder a pergunta anterior é analisar a referência dos autores à história de Fausto, usada para ilustrar os efeitos dúbios da *tendência múltipla*, que pode tanto refletir um aprimoramento futuro, quanto pode trazer resultados negativos. Os autores apresentam a história como a venda que Fausto fez de sua alma para o diabo em troca de conhecimento, poder e riqueza. Para os autores, o conhecimento buscado por Fausto é fundamentalmente pragmático e empírico. O personagem quer, antes de tudo, o controle da natureza, ele não parece se importar com a compreensão dela. Tal atitude, para Kahn e Wiener, denota uma compreensão instrumental e manipuladora em detrimento de uma aproximação empática ou mítica. Aqui, então, o conhecimento não tem uma função filosófica, ao contrário, o conhecimento serve ao homem que fabrica, que joga com o destino visando tirar proveito das poucas oportunidades que aparecem. Os autores, por fim, concluem que o homem fáustico não se caracteriza pela teologia, pela teoria ou pela filosofia, mas sim por ser profano e secular.[43]

Para Kahn e Wiener, a história de Fausto na versão medieval enfatiza a distinção entre o sagrado e o secular. Na interpretação dos autores, Fausto está preso ao acordo firmado com o demônio. Porém, no momento de sua morte, tenta se arrepender, inutilmente. Para os autores, a lição óbvia da história é que o poder mundano tem um preço muito alto e a punição por exercê-lo não será aliviada por nenhum arrependimento. Esse mito, para Kahn e Wiener, ao lado de outros, como o de Prometeu, o de Ícaro ou o bíblico sobre a maçã na árvore do conhecimento abordam o medo de romper com os limites do homem e controlar a natureza.[44]

Já o Fausto de Goethe, na opinião dos autores, aprofundaria ainda mais essa discussão. Essa complexidade apareceria na negociação com o diabo:

43 KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 409-410.
44 Ibid., p. 410.

> **Mefistófeles**: Em tal sentido podes arriscar-te/ Obriga-te, o hás de nesses dias ver/ Com gosto o cimo de minha arte/ Dou-te o que nunca viu humano ser.
>
> **Fausto**: Que queres tu dar, pobre demo?/ Quando é que o gênio humano, em seu afã supremo,/ Foi compreendido pela tua raça?/ Mas, possuis alimento que não satisfaça/ Rubro ouro que nas mãos já se desfaça/ Como mercúrio, jogo estranho,/ Perdido sempre e jamais ganho,/ Mulher que há nos braços meus,/ Piscando o olho, outro a si atrai;/ Da glória o dom, prazer de um deus,/ E que, a um meteoro igual, se esvai?/ Mostra-me o fruto, podre antes que o colha,/ E a árvore que de dia em dia se renova!
>
> **Mefistófeles**: De tais bens posso dar-te a escolha,/ E põe-me o encargo a fácil prova./ Mas, caro amigo, o tempo ainda virá/ De em calma saboreares o prazer.
>
> **Fausto:** Se eu me estirar jamais num leito de lazer,/ Acabe-se comigo, já!/ Se me lograres com deleite/ E adulação falsa e sonora,/ Para que o próprio Eu preze e aceite,/ Seja-me aquela a última hora!/ Aposto! e tu?
>
> **Mefistófeles:** Topo!
>
> **Fausto:** E sem dó nem mora!/ Se vier um dia em que ao momento/ Disser: Oh, pára! és tão formoso!/ Então algema-me a contento,/ Então pereço venturoso!/ Repique o sino derradeiro,/ A teu serviço ponha fim,/ Pare a hora então, caia o ponteiro,/ O Tempo acabe para mim![45]

Na leitura de Kahn e Wiener, o acordo se cumpre no momento em que Fausto constrói uma nova área que possibilita novas oportunidades para as pessoas. Ela é fruto dos pântanos que são drenados e dos diques que são erigidos para a contenção do mar. Fausto, frente a isso tudo, regozija-se que os diques nunca serão perfeitos, já que “À liberdade e à vida só faz jus,/ Quem tem de conquistá-las diariamente”[46]. Os autores também encaram Fausto como amoral ao invés de imoral, pois o personagem demonstra indiferença ao destino dos que impedem seus planos. Kahn e Wiener finalizam afirmando que Fausto age tal como uma força da natureza, que derruba tudo aquilo que impede seu fluxo contínuo.[47]

Fausto, conforme Kahn e Wiener, demonstra o poder humano de alterar a natureza exterior e interiormente. Esse poder exercido ao longo do tempo é o que, segundo os autores, a visão secular humanista chama de progresso. Avaliando esse processo, os autores argumentam que sua reversão não é desejável e, talvez, seja impossível. Todavia, Kahn e Wiener acreditam que esse mesmo poder sobre a natureza poderia refletir o grande problema fáustico, ou seja, tornar-se a força natural fora de controle. Essa força descontrolada poderia, ao fim, afetar o próprio homem, como, por exemplo, as estruturas sociais que frustram os objetivos humanos e, com isso, produzem reações ideológicas que não são intentadas, nem imaginadas.[48]

Prevendo o ano 2000, os autores acreditavam que o poder de alterar o mundo seria ainda maior, todavia, não haveria uma capacidade equivalente de compreender e controlar os efeitos

45 GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1981, p. 410-411.
46 GOETHE, J.W., 1981, p. 436; KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 411.
47 GOETHE, J.W., 1981, p. 419-437; KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 411-412.
48 KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 412.

das mudanças. Frente a essa previsão, Kahn e Wiener afirmam a necessidade de aprimorar o controle sobre a tecnologia, caso contrário, a destruição da humanidade deixaria de ser causada pela natureza e tornar-se-ia um resultado da própria ação humana. A ameaça humana a si mesma seria fruto do desenvolvimento tecnológico e das relações dele com outros aspectos, como, por exemplo, na relação com a sociedade, uma vez que a tecnologia poderia criar situações de centralização do controle social, influenciando diretamente os resultados das políticas sociais. Para contornar esse problema, o planejamento e a previsão do futuro eram necessárias, chegando ao ponto de o próprio planejamento precisar ser planejado.[49]

É justamente para lidar com esses problemas do descontrole da capacidade humana ao manipular a natureza e o mundo que o planejamento que considera as diversas e diferentes possibilidades futuras, assim como suas consequências, é defendido pelos autores. A busca consiste, portanto, em atenuar o arroubo faústico do homem de querer dominar e impor-se ao ambiente, porém, passa também por tentar dominar a própria ação humana, agindo nos campos da política, da economia e da tecnologia. Para concretizar esse intento, os autores defendem a necessidade de respeitar o mundo, a diferença e a diversidade, o que passaria por preservar as instituições que garantem a liberdade de escolha humana. Contudo, a garantia dessa liberdade não deveria se restringir somente ao presente, mas também deveria considerar o futuro, dando a ele a possibilidade de lidar com seus problemas, quando estiverem e forem presentes. Os autores defendem que o planejamento presente não poderia obstruir os caminhos e transformar os processos em irreversíveis. Em outras palavras, deve ser dada às pessoas do futuro a chance de construir e escolher seus caminhos. Sintetizando: o planejamento deve dar abertura a mais de si.[50]

Os autores deixam claro que o planejamento e a previsão têm uma responsabilidade com o futuro. Todavia, isso não significa uma recusa ou abandono do passado, que é recuperado como uma projeção histórica que parte do estabelecimento de padrões, constituindo, assim, uma continuidade da história para o futuro. O passado é recuperado também como fonte para especulações para imaginar desenvolvimentos futuros. Os autores afirmam que não anseiam por um controle definitivo de todos os processos, evitando, com isso, retomar o otimismo do Iluminismo, o qual, para os autores, acreditava no progresso histórico pela confiança que tinham na razão. Como argumentamos, o progresso compreendido por Kahn e Wiener não é o de um processo linear e inevitável, mas sim do controle humano por meio da previsão, da especulação e do planejamento do futuro.[51]

49 KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 412-413.
50 Ibid., p. 413.
51 KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 412.

Destarte, é por meio da associação entre especulação, previsão e planejamento que podemos compreender o progresso de Kahn e Wiener. O progresso, aqui, não é um processo imanente à história humana, mas resulta da ação e do fazer humanos a partir da especulação, da previsão e do planejamento. A extrapolação histórica gera a possibilidade de antever uma sociedade futura e especular sobre suas possibilidades, tanto boas, quanto ruins. Definido esse conjunto de possibilidades, os autores acreditam ser possível planejar como atingir os melhores caminhos e fugir dos piores. Isso nada mais é do que tentar concretizar o melhor para o futuro e, assim, os autores não fogem do progresso conforme diferentes definições que já apresentamos, inclusive a dos próprios autores. A diferença é que, aqui, o progresso não é mais uma crença ou uma característica própria da história, mas é uma potencialidade humana que depende do próprio homem para ser ou não realizada. O desenvolvimento para o melhor é, em Kahn e Wiener, dependente da ação humana e ele pode ser alcançado através da especulação sobre as possibilidades do futuro. Uma vez definido o melhor, ou o menos pior, busca-se concretizá-lo ou evitá-lo, pelo planejamento. Ao realizar tal tarefa, o homem cumpriria seu desígnio como quem cria, quem manipula, controla e fabrica não somente a natureza e o ambiente, mas também si mesmo e o tempo, alcançando, agora o futuro como espaço para concretização do melhor.